

A pedagogia pós-crítica na ação do professor-artista: a interação entre o pedagogo e o ator na sala de aula

Heloise Baurich Vidor

UDESC

Palavras-chave: Professor-artista – professor-personagem – teatro na escola.

Esta comunicação focaliza a aproximação do papel do professor de teatro ao do ator no contexto de sala de aula, através da estratégia do *teacher in role*, na qual o professor assume um papel social ou um personagem no processo de *drama*, para desafiar e estimular os alunos na construção da narrativa cênica que estiver sendo proposta.¹ Este procedimento difere-se das usuais abordagens metodológicas do ensino do teatro, onde o professor passa as instruções desde fora, mais próximo do papel de encenador ou dramaturgo, e menos do ator.

A aproximação entre as funções do professor e do ator possibilita explorar as convenções teatrais com os alunos, através da interação dos mesmos com os personagens vivenciados pelo professor. Os objetivos pedagógicos se mantêm presentes na medida em que norteiam a escolha dos personagens que serão representados, bem como o diálogo e a interação que serão estabelecidos com os alunos.

A possibilidade de o professor de teatro, dentro da escola, transitar pelo papel de pedagogo e artista, driblando as peculiaridades da instituição e a dificuldade na articulação do aprendizado, tem como base a pedagogia pós-crítica que justamente trabalha na perspectiva de fazer com que este profissional ‘cruze as fronteiras’ (GIROUX, 1999) e consiga associar a prática pedagógica à artística.

O professor como trabalhador cultural: a pedagogia pós-crítica na base da ação do professor-ator.

Para iniciar a reflexão sobre o professor-ator em sala de aula, devemos pensar no papel do professor e na instituição escolar. Que tipo de educador pode viabilizar, na prática, esta proposta? Destaco alguns conceitos da pedagogia pós-crítica e os associo ao *drama* e ao *teacher in role*, de modo a subsidiar a discussão.

1. A educação radical e [criação de] novos espaços discursivos para a aprendizagem é de particular interesse para artistas, já que atrai os trabalhadores culturais para o círculo da pedagogia, quer exerçam suas atividades em sala de aula, galerias [teatros], ou rua. (GIROUX, 1999:190) – desejo explícito de aproximação entre arte e pedagogia para a transposição das

fronteiras do discurso educacional. Aspecto altamente motivacional para o professor-ator no ensino do teatro.

2. “... O isolamento histórico das pessoas que trabalham nas escolas dos outros trabalhadores culturais precisa ser superado.” (GIROUX, 1999:187) Tanto por parte do professor em relação aos artistas, quanto dos artistas em relação ao professor. A fusão ou justaposição dos papéis do professor e do ator - professor-ator - visa romper com este isolamento.

3. “como uma forma de política cultural, a pedagogia crítica sugere inventar uma nova linguagem para re-situar as relações entre professor e aluno dentro de práticas pedagógicas que abrem, em vez de fechar, as fronteiras do conhecimento e da aprendizagem.” (GIROUX, 1999:194). O *teacher in role* pode ser uma delas, já que o professor está imerso no processo, desafiando e estimulando os alunos.

4. Segundo a pedagogia pós-crítica os alunos precisam ter lugar para emitirem suas vozes e os educadores radicais precisam criar as condições para isso. O teatro pode ser este lugar e o *drama* favorece a emissão das vozes, já que a construção da narrativa se dá pela ação dos alunos, mediada pelo professor, assumindo ou não personagens, cruzando informações reais (históricas) com a memória dos participantes numa trama criativa, ficcional.

Para Giroux, há a necessidade de os professores se colocarem como intelectuais, ou seja, como ‘críticos engajados’ para poderem mudar as condições que trabalham, no caso do professor de teatro: espaço físico inadequado, tempo de aula reduzido, baixo *status* da disciplina ‘teatro’, falta de valorização da atividade por parte dos alunos e dos próprios colegas. Assim, o primeiro passo é ter clareza sobre o papel do teatro na formação do indivíduo e disposição para argumentar por ele.

Outro fator essencial para Giroux é que o professor leve em conta que no processo de ensino a especificidade do contexto é fundamental, sem invocar regras e procedimentos que não correspondam aos contextos. No caso do ensino do teatro esta questão é evidente, até porque não há um currículo para ser implementado. As diretrizes apontadas pelos PCNs/Artes são realmente diretrizes e não propostas curriculares fechadas. Se por um lado o currículo do teatro fosse estruturado objetivamente iria de encontro com o que muitas vezes é o desejo do professor, por outro lado, as diretrizes deixam brechas ‘positivas’ em termos de adaptação ao contexto e circunstâncias de cada turma, de cada escola, o que é fundamental para a perspectiva da pedagogia pós-crítica. Cabe ao professor de teatro assumir sua posição de centralidade no processo e lançar mão de seus recursos artísticos para completar estas brechas.

O professor-ator assume o personagem: será que dá pra ser artista na sala de aula, junto com os alunos?

Na experiência que desenvolvi com o *drama* na E.E.E.B. Lúcia do Livramento Mayvorne em Florianópolis, cujo objetivo geral foi potencializar a teatralidade no processo e explorar o *teacher in role* como eixo articulador do mesmo, pude verificar as possibilidades e dificuldades que o professor- ator pode encontrar ao colocar-se como parceiro de criação, na cena, junto com os alunos.

O pré-texto escolhido foi “*Nós e Eles*”, de David Campton, e os papéis e personagens representados foram: 1. O Escriba, um dos personagens do texto *Nós e Eles* que tinha como funções introduzir a seqüência dramática, contribuir para o reforço da tensão e da atmosfera dramática e guiar os participantes, sugerindo ações e atitudes. 2. A Funcionária da Prefeitura – mais próxima ao papel social, de *status* médio, a qual não está no texto original e foi criado para trazer a história para o nosso contexto. Sua função era introduzir um pacote com documentos, fotos e objetos que aproximassem a história do contexto social do grupo. 3. A Advogada, que também não estava no texto original, tinha *status* alto e sua função no contexto ficcional, era a de conduzir a divisão da terra e ajudar o grupo na resolução do conflito. Em termos pedagógicos a advogada administrou a indisciplina na classe - aflorada com a intensificação do conflito - e em termos estéticos representou os advogados das delegacias das periferias nas grandes cidades. Nos três optei por caracterizar-me física e visualmente.

As dificuldades encontradas na transição entre os papéis de pedagoga e atriz foram: a falta de limites dos alunos - como não estão acostumados a formas de interação informais na sala de aula, ficaram agitados e dispersos, além do que, necessitavam de constante mediação na interação com o texto e os procedimentos. E o grande potencial da proposta revelou-se nos momentos em que eu estava atuando, caracterizada em termos de corpo-voz e figurinos/objetos, e consegui atrair a atenção dos alunos, que se colocaram como espectadores- participantes, dentro do contexto ficcional. A opção pela caracterização incrementou o jogo ficcional e propiciou aos alunos a apreciação de uma performance teatral, ainda que como uma pequena intervenção.

A avaliação geral deixou evidente que o *drama* desenvolvido a partir do pré-texto *Nós e Eles*, com alunos que nunca tinham tido uma aula de teatro anteriormente, abriu perspectivas para o trabalho com o mesmo na sala de aula, introduziu os alunos no fazer teatral pela interação com o professor-ator em personagem e mostrou aos alunos que o teatro não é só um jogo ou uma brincadeira ou ainda um texto para ser decorado e repetido pelas crianças.

Considerações finais

A partir da perspectiva da pedagogia pós-crítica evidenciam-se as possibilidades de realização da arte pelo professor - perspectiva do professor-artista- na sala de aula, e a importância deste co-habitar de papéis e funções no diálogo entre teatro e educação.

O professor como intelectual, mais do que argumentar sobre a importância do teatro na escola, pode lançar mão da própria arte como instrumento de conscientização e valorização da atividade que desenvolve. Esta pode ser uma alternativa eficaz e prazerosa. Qualquer que seja a opção de sua prática, próxima ao encenador, dramaturgo ou ator, a centralidade de seu papel é incontestável, o que exige do mesmo uma tomada de decisão, pois depois que se pisa no palco, algo tem que ser feito.

Bibliografia:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC\SEF, 1997.

CABRAL, Beatriz. *O Drama como Método de Ensino*. São Paulo. Hucitec, 2006

GIROUX, Henry. A. *Cruzando as Fronteiras do Discurso Educacional*. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 1999.

MARQUES, Isabel A. *Ensino da Dança Hoje – textos e contextos*. São Paulo. Cortez, 1999.

¹ A expressão *teacher in role* foi traduzida por Beatriz Cabral (2006) por *professor-personagem*. O termo 'role', com o sentido de papel social não existe em português. Este fato dificulta a tradução literal do mesmo. Entretanto, durante a pesquisa, juntamente com o grupo de pesquisa coordenado por Cabral, observamos possíveis desdobramentos deste procedimento que o aproximariam da noção de personagem e, por isso, optamos por assumir a tradução literal quando se refere ao professor assumir um papel social e deixar a expressão professor-personagem para quando o professor realmente traz para o processo um determinado personagem de um texto dramático, mantendo sua fala e caracterização.